

marcado na pele
série os outros / volume 4
anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para
Julie e Roger
e para
Nadine e Michael*

Agradecimentos

Obrigada a Blair Boone, por continuar a ser o meu primeiro leitor e por toda a informação sobre animais, armas, e muitas outras coisas que absorvi e transformei para uso no mundo dos Outros; a Debra Dixon, por ser a segunda leitora; a Doranna Durgin, pela manutenção do site e pela informação sobre o alojamento de cavalos; a Adrienne Roehrich, por gerir a página oficial de fãs no Facebook; a Nadine Fallacaro pelas informações sobre tudo o que é médico; a Jennifer Crow pelos conhecimentos acerca da profissão de mãe; a Anne Sowards e Jennifer Jackson, pelo feedback que me ajuda a escrever melhores histórias; e a Pat Feidner pelo eterno apoio e encorajamento.

Um obrigado especial às seguintes pessoas que deram o nome a personagens, sabendo que essa seria a única ligação entre realidade e ficção: Bobbie Barber, Elizabeth Bennefeld, Blair Boone, Kelley Burch, Douglas Burke, Starr Corcoran, Jennifer Crow, Lorna MacDonald Czarnota, Julie Czerneda, Roger Czerneda, Merri Lee Debany, Michael Debany, Mary Claire Eamer, Sarah Jane Elliott, Chris Fallacaro, Dan Fallacaro, Mike Fallacaro, Nadine Fallacaro, James Alan Gardner, Mantovani «Monty» Gay, Julie Green, Lois Gresh, Ann Hergott, Lara Herrera, Robert Herrera, Danielle Hilborn, Heather Houghton, Pamela Ireland, Lorne Kates, Allison King, Jana Paniccia, Jennifer Margaret Seely, Denby «Skip» Stowe, Ruth Stuart e John Wulf.

Geografia

NAMID — O Mundo **Continentes/Massas Terrestres (até agora)**

Afrikah
Australis
Britânia/Britânia Selvagem
Cel-Romano/Aliança de Nações Cel-Romano
Felidae
Ilhas Ded'osso
Ilhas da Tormenta
Tháisia
Tokhar-Chin
Zelanda

Grandes Lagos — Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros lagos — Lagos da Pena/Lagos do Dedo

Rio — Talulah/Talulah Falls

Montanhas — Adirondack, Rochosas

Cidades ou aldeias — Ferryman's Landing, Hubb NE (ou Hubbney), Jerzy, Lakeside, Podunk, Shikago, Sparkletown, Sweetwater, Talulah Falls, Toland, Walnut Grove, Wheatfield

Dias da Semana

Dia da Terra

Dia da Lua

Dia do Sol

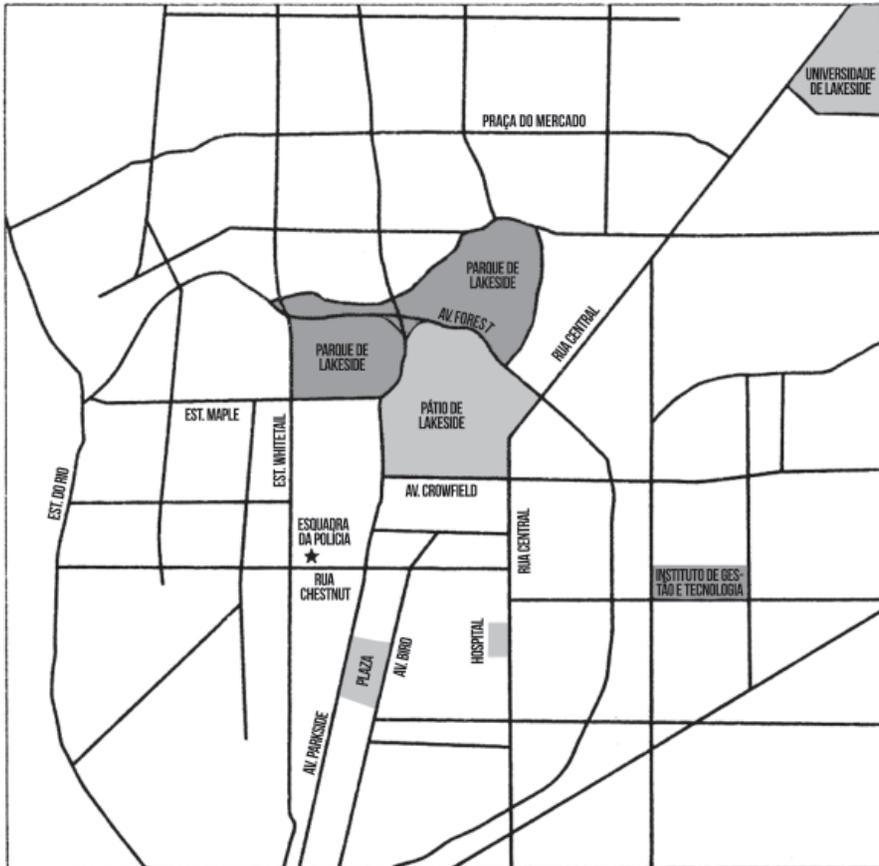
Dia do Vento

Dia de Tháís

Dia do Fogo

Dia da Água

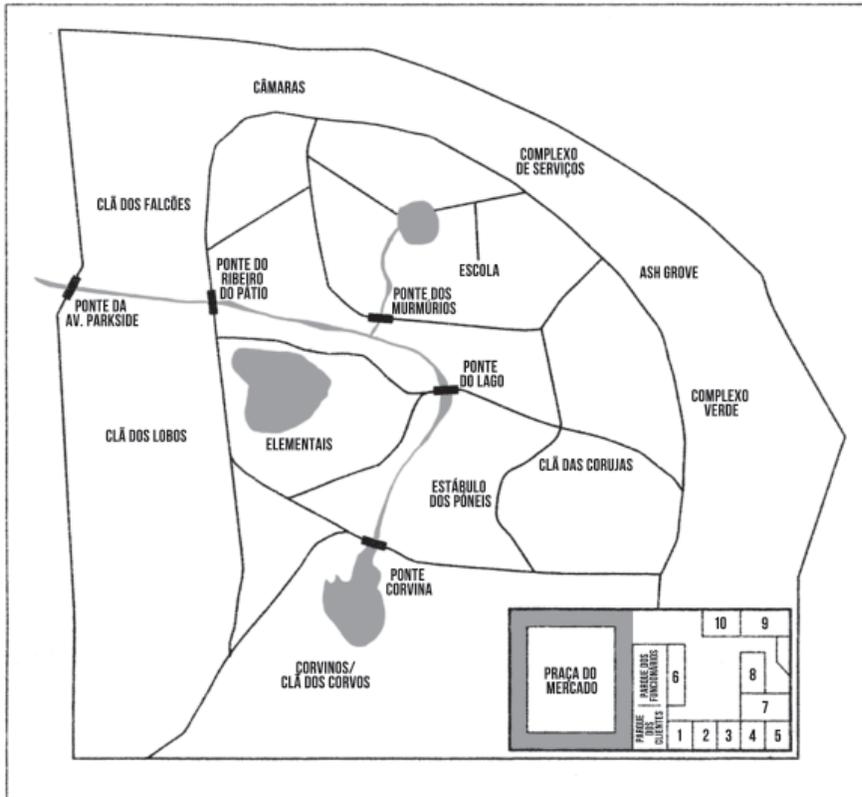
Lakeside



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por uma autora com deficiência geográfica que apenas incluiu aquilo de que precisou para a narrativa.

Pátio de Lakeside



© 2012 Anne Bishop

1. Costureira/Alfaiate & apartamentos de serviço
2. Trincadela
3. Ler e Uivar por Mais
4. Corre & Bate
5. Centro de Convívio
6. Garagens
7. Nativo da Terra & Estúdio de Henry
8. Estação do Intermediário
9. Consulado
10. Três P

Uma Breve História do Mundo

Há muito tempo, de Namid nasceram todas as formas de vida, incluindo os seres conhecidos como humanos. Namid ofereceu aos humanos pedaços férteis de si própria, e deu-lhes também boa água. Uma vez que tão bem conhecia a natureza dos humanos e a natureza dos seus outros descendentes, Namid concedeu-lhes ainda isolamento quanto bastasse para que tivessem possibilidade de sobreviver e de medrar. E assim foi.

Aprenderam a fazer lume e abrigos. Aprenderam a cuidar da terra e a construir cidades. Fizeram barcos e pescaram no Mediterrâneo e no Mar Negro. Multiplicaram-se e espalharam-se pelos seus pedaços do mundo até entrarem nos lugares selvagens. Foi então que descobriram que os outros descendentes de Namid já haviam reclamado o resto do mundo.

Os Outros olharam para os seres humanos e não viram conquistadores. Viram, isso sim, carne nova.

Travaram-se guerras pela posse dos lugares selvagens. Por vezes, os humanos venciam e chegavam um tudo-nada mais longe. Todavia, o mais habitual era que áreas de civilização desaparecessem, ficando os sobreviventes receosos a tentar não tremer ao escutar os uivos na noite, ou quando alguém que se afastasse da segurança das portas robustas e da luz era encontrado exangue, na manhã seguinte.

Passaram-se séculos e os seres humanos construíram navios maiores que os levaram pelo Oceano Atlântico. Ao encontrarem terra virgem, erigiram uma colónia junto à costa. Descobriram então que essa terra havia igualmente sido reclamada pelos *terra indigene*, os nativos da terra. Os Outros.

Os *terra indigene* que governavam o continente chamado Thaísia ficaram zangados quando os seres humanos derrubaram árvores e usaram arados para cultivar uma terra que não lhes pertencia. Por isso, os Outros comeram os colonos e conheceram a forma dessa carne específica, tal como já haviam feito tantas vezes no passado.

A segunda onda de colonos e de exploradores encontrou a colônia abandonada e, mais uma vez, os humanos tentaram tomar posse da terra.

Os Outros também os comeram.

A terceira onda de colonos tinha um líder mais inteligente do que os antecessores, que ofereceu aos Outros mantas quentes, tecido para roupas e objetos brilhantes. Em troca pôde viver na colônia e dispor de terra suficiente que plantar. Os Outros consideraram a troca justa e afastaram-se dos limites das terras que os humanos podiam usar. Novos presentes foram trocados por privilégios de caça e de pesca. Era um estado de coisas que satisfazia ambos os lados, mesmo arreganhando uma das partes os dentes por tal tolerância e a outra engolindo o medo e certificando-se de que os seus se encontravam de volta à povoação antes do cair da noite.

Com o passar dos anos assistiu-se à chegada de cada vez mais colonos. Bastantes morreram, mas foram muitos os que prosperaram. Os colonatos cresceram e tornaram-se aldeias, que chegaram a vilas e acabaram por se transformar em cidades. Pouco a pouco, os humanos percorreram Thaísia, espalhando-se tanto quanto possível pelas terras cujo uso lhes fora permitido.

Passaram-se séculos. Os seres humanos eram inteligentes. Os Outros também. Os humanos inventaram a eletricidade e a canalização. Os Outros controlavam os rios que acionavam os geradores e os lagos que garantiam água potável. Os humanos inventaram os motores a vapor e o aquecimento central. Os Outros controlavam o combustível indispensável para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os humanos inventaram e fabricaram produtos. Os Outros controlavam todos os recursos naturais, decidindo, assim, o que seria ou não feito na sua parte do mundo.

É óbvio que se verificaram choques, e alguns sítios tornaram-se memoriais sombrios dos mortos. Esses locais acabaram por deixar bem claro aos líderes humanos que eram os *terra indigene* que governavam Thaísia, e só o fim do mundo poderia alterar tal estado de coisas.

Chegamos ao nosso tempo. Erguem-se pequenas aldeias humanas em vastas extensões que pertencem aos Outros. Nas cidades humanas de maior dimensão existem parques vedados chamados Pátios, habitados pelos Outros, cujo dever é vigiar os habitantes da cidade e garantir que os humanos cumprem os acordos firmados com os *terra indigene*.

Ainda se verifica uma tolerância atenta de um lado e um profundo receio pelos que vivem na noite no outro, mas se tiverem cuidado, os seres humanos sobrevivem.

Por vezes, sobrevivem.

Enquanto humanos, é nosso direito, é o nosso destino, reclamar o mundo. Temos de mostrar a fortitude necessária para arrancarmos o território aos animais que açambarcam água e terra, que não têm como usar matérias-primas como madeira e petróleo, que não contribuem para as artes nem para as ciências, nem para melhorar as condições de vida seja de quem for. Não nos tornaremos os seres supremos enquanto permitirmos que animais nos intimidem, levando-nos a acreditar que temos de nos submeter aos limites por eles impostos. A raça humana não tem limites. Se nos mantivermos unidos, seremos invencíveis. Seremos os senhores, e o mundo será nosso, agora e sempre.

— *Nicholas Scratch, porta-voz do movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar*

Tem sempre que ver com território. Cuidar da alcateia, ter comida e água. Tem que ver com dispor dessas coisas em quantidade suficiente para que a alcateia sobreviva e para que as crias cresçam. Outros ou humanos, é o que todos querem. E quando um tipo de animal domina uma área ao ponto em que muitos outros animais começam a passar fome, compete aos predadores debastar as manadas antes que não reste nada para ninguém. Trata-se da mais simples das verdades, quer falemos de veados ou de humanos.

— *Simon Wolfgard, líder do Pátio de Lakeside*

N,

Temos de atacar em breve para alcançarmos uma vitória célere. Reúne os nossos aliados e enceta as diversões que afastarão os olhares dos portos de Thaísia. Embarca o que puderes, como puderes. Um exército com fome não será capaz de enfrentar o inimigo com que nos deparamos. Assim que os últimos navios estejam seguros nos nossos portos, reivindicaremos o que pertence por direito ao povo Cel-Romano e eliminaremos as criaturas que neste momento dominam os terrenos virgens.

— P A I

Para: Todos os Elementos do SHPL, Thaísia

Avançar com a primeira fase do projeto de reclamação da terra.

— N S

Capítulo 1

Dia do Sol, 5 de Junho

A sangue-doce mudou tudo. Mudaste por causa dela. Estamos intrigados com os humanos que se reuniram em torno do teu Pátio, por isso vamos dar-te algum tempo para decidir quanto de humano os terra indigene vão manter.

Simon Wolfgard, líder do Pátio de Lakeside, fitava o teto do quarto, com as palavras de alerta a afugentarem o sono, tal como viera a acontecer nas últimas noites.

Não eram só as palavras que impediam o sono. A procrastinação era uma característica humana e, na última semana, ele descobrira que tal traço tinha um efeito muito específico. Os Lobos não procrastinavam. Quando a alcateia precisava de alimento, iam à caça. Não inventavam desculpas, nem procuravam algo secundário que não precisasse de ser feito naquele momento exato. Deitavam patas ao trabalho e cuidavam daquilo que, por sua vez, cuidava deles.

Queria que Meg sarasse dos cortes da última semana. Queria dar-lhe tempo, antes de lhe pedir que assumisse algum do peso destas decisões. Ela é a Desbravadora que está a encontrar formas de as outras cassandra sangue sobreviverem. Há vinte e quatro anos que não decide nada, nem para ela, nem para mais ninguém, e agora vê-se obrigada a tomar decisões importantes que podem implicar vida ou morte de... quem? Das outras profetisas de sangue? De todos os seres humanos que vivem em Tháisia?

Simon rosnou, como se isso fosse assustar os pensamentos, virou-se, fechou os olhos e empurrou o rosto contra a almofada, decidido a dormir mais um pouco.

Mas os pensamentos eram caçadores exímios e devoravam sono.

Vamos dar-te algum tempo para decidir quanto de humano os terra indigene vão manter.

Durante a última semana, encontrara desculpas para si e para o resto

da Associação Comercial do Pátio, e eles, por sua vez, haviam deixado que desse tais desculpas porque ninguém — nem Vlad, nem Henry, nem Tess — queria dizer a Meg o que realmente estava agora em jogo. Mas tempo, à semelhança da estranha pele frágil de Meg, era algo que não se podiam dar ao luxo de desperdiçar.

Simon virou-se para o outro lado e fitou a janela. Ao erguer a cabeça, as orelhas assumiram a forma de Lobo, empertigando-se para ouvir melhor os sons do exterior.

Pardais. Os primeiros trinados ensonados que davam conta da alvorada quando o céu começava a mudar, de negro para cinzento.

Manhã.

Desviou o lençol enrolado e dirigiu-se à casa de banho para verter águas. Ao lavar as mãos, olhou sobre o ombro. Precisava de tomar duche? Baixou a cabeça e cheirou-se. Cheirava a Lobo saudável. Tomaria duche mais tarde, quando tivesse de lidar com mais humanos que não apenas a sua amiga especial. Além disso, ela também não iria tomar duche.

Afastou-se do lavatório e depois parou. Saltar um duche era uma coisa, mas, pela manhã, a boca humana produzia odores fortes o suficiente para desencorajar um contacto próximo.

Simon espremeu pasta para a escova e observou o reflexo no espelho enquanto lavava os dentes. Cabelo escuro que estava a ficar comprido — teria de tratar do assunto antes que os convidados do Pátio chegassem. Pele que escurecera um pouco graças ao trabalho no exterior sem camisa. E os olhos ambarinos de um Lobo. Quer com pele humana ou na forma de Lobo, os olhos nunca se alteravam.

Bochechou a boca com água e começou a guardar a escova no armário sobre o lavatório. Olhou então para o seu reflexo no espelho e levantou os lábios, revelando os dentes.

Não, os olhos não se alteravam quando se transformava em Lobo, mas...

Alterou a cabeça para a forma de Lobo, espremeu uma segunda dose de pasta para a escova e lavou os outros dentes, *melhores*. Depois rosnou, pois a boca de um Lobo não fora concebida para bochechar e cuspir água. Acabou por se debruçar sobre o lavatório, a despejar copos de água sobre os dentes e a língua para que ninguém pensasse que estava a espumar da boca.

— Da próxima vez roo um ramo, como é hábito — resmungou, ao voltar a assumir a forma humana total.

De regresso ao quarto vestiu as calças de ganga e uma t-shirt. Depois acercou-se da janela e aproximou o rosto da rede. Estava suficientemente frio lá fora para peúgas e sapatilhas — e uma camisola, pois iam andar à velocidade de Meg, não à sua.

Acabou de se vestir, pegou nas chaves que tinha numa travessa na cómoda e saiu pela porta do apartamento que dava para o corredor traseiro que partilhava com Meg. Destrancou a porta da cozinha do apartamento dela e abriu-a com cuidado. Por vezes, ela corria o fecho como forma adicional de segurança, e partir-lhe acidentalmente a porta só serviria para levantar problemas.

Já provocara confusão que chegasse da vez em que lhe arrombara propositadamente a porta.

O fecho não estava corrido. Ótimo.

Simon entrou na cozinha de Meg e fechou silenciosamente a porta. Depois encaminhou-se para o quarto.

A leve brisa que entrava pela janela parcialmente aberta fazia bailar os cortinados que a alcateia feminina — as amigas humanas de Meg — ajudara a comprar e a pendurar. A luz matutina também entrava pela janela, garantindo-lhe uma visão clara da mulher enroscada por baixo das cobertas.

Teria frio? Se ele ali tivesse ficado na noite anterior, ela não estaria com frio.

— Meg? — À cautela, pois ela escoiceava como um alce quando se assustava, Simon empurrou ao de leve o ombro de Meg. — São horas de acordar, Meg.

A jovem resmungou e encolheu-se por baixo dos cobertores, deixando apenas o topo da cabeça à mostra.

Resposta errada.

Simon estendeu uma mão para bloquear qualquer potencial pontapé e assentou a outra na anca de Meg, empurrando-a um par de vezes contra o colchão.

— O que é? O que foi? — Meg debateu-se para se endireitar, e ele puxou-a, solícito, pelo braço.

— São horas de acordar.

— Simon? — Meg virou a cabeça e pestanejou na direção da janela. — Ainda está escuro. — Deixou-se cair mais uma vez sobre a cama e tentou puxar os lençóis.

Simon agarrou os cobertores e o breve jogo da corda deixou-a de novo sentada.

— Não está escuro, é apenas cedo — corrigiu ele. — Anda, Meg. Vamos caminhar.

— Ainda não é de manhã. O despertador não tocou.

— Não precisas de despertador. Tens pardais, e eles dizem que já é de manhã.

Não tendo resposta, Simon pô-la de pé e encaminhou-a pela porta do quarto e corredor abaixo, até à casa de banho.

— Estás suficientemente desperta para fazeres xixi e lavares os dentes? Meg fechou-lhe a porta na cara.

Simon aceitou o gesto como um *sim* e regressou ao quarto de Meg, começando a tirar as roupas de que ela precisaria. A maior parte, pelo menos. Aparentemente, um macho não devia tirar a roupa interior de uma fêmea da gaveta, a menos que tivesse acasalado com essa fêmea. E os machos não deviam *ver* a roupa interior, a menos que as fêmeas quisessem que essa roupa interior fosse vista.

Não compreendia o motivo por que todos levantavam tantos problemas por se tirar roupa lavada de uma gaveta. O cheiro dessas roupas era muito mais interessante *depois* de a fêmea as ter usado.

Provavelmente não seria algo de que as fêmeas humanas quisessem saber.

Enquanto aguardava, Simon fez a cama, mais para desencorajar Meg de voltar a ocupá-la do que por vontade de arrumar o quarto. Além disso, passar as mãos sobre os lençóis e inspirar o aroma dela deixava-o feliz.

Porque teria pensado que dormir na forma humana seria uma boa ideia, sobretudo quando isso implicava ter de dormir sozinho? Caso tivesse assumido a forma de Lobo, como era seu hábito, podia ter ficado com Meg, podia ter-se enroscado ao lado dela na cama.

Certo, não imaginara que passar a noite anterior na forma humana fosse uma *boa* ideia, apenas um exercício necessário. Na semana seguinte teriam seis Lobos das alcateias das Adirondack no Pátio de Lakeside, vindos para interagir com humanos de modos que seriam impossíveis no seu território. Três deles eram adultos que já lidavam com os seres humanos que viviam nas povoações das montanhas Adirondack e seus arredores. Os outros três eram juvenis que haviam completado o primeiro ano de educação humanocêntrica que lhes permitiria vigiar os humanos que viviam em Thaísia.

O trabalho de vigia para garantir que os humanos cumpriam os acordos estabelecidos entre os seus antepassados e os *terra indigene* era perigoso. Os Outros podiam referir-se aos seres humanos como sendo carne

inteligente — que o eram —, mas eram também predadores invasores que arrebanhavam território sempre que possível. E pesasse embora o que os representantes do governo dissessem, os humanos não estavam de todo preocupados com o bem-estar geral da raça. Os humanos que pertenciam ao movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar haviam reclamado da carência de alimentos em Thaísia, afirmando que havia sido provocada pelos *terra indigene*. Mas haviam sido os humanos do SHPL a vender os alimentos excedentes à Aliança de Nações Cel-Romano para obter lucros, tendo depois mentido quanto a isso. Essas mentiras haviam levado a confrontos em Lakeside, que resultaram na morte do agente da polícia Lawrence MacDonald e de Crystal Crowgard. Com isso, os humanos haviam chamado a atenção de *terra indigene* que normalmente se afastavam de locais controlados por humanos quando as intenções destes eram benevolentes.

Esses nativos da terra, que viviam nas profundezas do território selvagem, haviam decidido que os seres humanos em Thaísia tinham quebrado a confiança, podendo todos os acordos estabelecidos entre humanos e Outros ser rescindidos. Provavelmente *seriam* rescindidos. Já havia restrições quanto ao tipo de carga que podia ser transportada pelos navios que cruzavam os Grandes Lagos. Havia restrições quanto ao tipo de humanos que podia deslocar-se entre cidades humanas. Os governos humanos responsáveis pelos assuntos humanos a nível regional estavam abalados com as sanções. Se os barcos não podiam transportar alimentos nem mercadorias entre regiões, se os comboios não podiam transportar alimentos nem combustível para as cidades que necessitavam de ambas as coisas, o que aconteceria aos seres humanos que habitavam o continente?

Se os humanos supostamente responsáveis tivessem prestado atenção à história de Thaísia, saberiam o que aconteceria aos seres humanos. Esses predadores bípedes e invasivos seriam eliminados, com o território a ser reclamado pelos nativos da terra, pelos *terra indigene*, pelos Outros.

Claro que isso não seria tão fácil agora como fora séculos antes. Na altura, pouco havia que os humanos construíssem ou usassem que prejudicasse a terra, caso fosse deixada a decompor-se sozinha. Agora havia refinarias que processavam o crude extraído do solo. Agora havia locais que armazenavam combustível. Agora havia indústrias que podiam danificar a terra, caso deixadas ao acaso. Qual seria a extensão dos danos se essas coisas fossem destruídas ou abandonadas?

Simon não tinha respostas, e os *terra indigene* que velavam pelo

território selvagem — os perigosos seres primevos que ocultavam a sua verdadeira natureza *terra indigene* com formas tão antigas que não tinham nome — não se preocupariam com elas. Mesmo que tudo o resto desaparecesse do mundo para abrir caminho para o novo que nasceria da destruição e da mudança, *eles* continuariam a existir.

Os metamorfos *terra indigene*, como os Lobos e os Ursos, os Falcões e os Corvos, referiam-se a essas formas como sendo os Anciães, um termo benevolente para os seres que eram as presas e as garras de Namid.

Meg voltou da casa de banho parecendo um pouco mais desperta e muito menos feliz por vê-lo. Ficaria ainda menos satisfeita quando soubesse porque queria ele dar aquele passeio.

— Veste-te, Meg. Temos de falar.

Meg apontou para a porta do quarto.

Simon era o líder do Pátio e Meg era funcionária do Pátio, pelo que ela não devia poder dar-lhe ordens, mesmo que fossem não verbais. Ele, no entanto, estava a aprender que, quando se lidava com humanos, a ordem da alcateia nem sempre se mantinha na toca. O que implicava que Meg fosse dominante na sua casa, podendo ignorar que ele era dominante em qualquer outro local.

Saiu do quarto e fechou a porta, após o que encostou a orelha à madeira. Gavetas a abrir, gavetas a fechar. Movimento.

— Sai daí, Simon.

Parecia irritada e não sonolenta. Depois de ter cutucado o suficiente o porco-espinho, por assim dizer, Simon voltou à cozinha e verificou os armários e o frigorífico, confirmando que ela tinha comida de gente que chegasse. Meia garrafa de leite; meia dúzia de doses de queijo — talvez mais, em dentadas humanas; uma pequena taça de morangos — a parte dela dos frutos vermelhos que havia colhido na véspera com Henry Beargard; meia sanduíche embrulhada do Trincadela, o café/pastelaria do Pátio.

O armário continha um frasco de pêssegos em calda, um pacote de molho de esparguete e uma embalagem de esparguete.

— Se andas à procura de restos de piza, comi-a ontem à noite — informou Meg, entrando na cozinha.

Simon fechou o armário. Seria a quantidade normal de alimentos que os seres humanos armazenavam nos meses mais quentes? Ele não tinha mais do que aquilo na sua cozinha, mas regra geral caçava as refeições, que consumia frescas, pelo que os outros alimentos eram meros complementos cujo sabor ele apreciava e que faziam bem à forma humana.

— Querias alguma coisa para comer? — perguntou Meg.

— Depois. — Simon saiu da cozinha e desceu as escadas traseiras que davam acesso à porta exterior, confiante de que ela o seguiria. Lá fora deu-lhe a mão, entrelaçando os dedos nos dela, uma forma de contacto que haviam iniciado na semana anterior, depois de ela ter dito a profecia sobre a Comunidade da Estrada do Rio.

— A erva está molhada — indicou Meg. — Não devíamos seguir pela estrada?

Simon abanou a cabeça. Naquela manhã, a estrada, larga quanto bastasse para conter um veículo e formando um círculo no interior do Pátio, parecia demasiado humana.

Como começar? O que dizer?

Passaram pela horta alargada do Complexo Verde, o único complexo multiespécies do Pátio. Como forma de ajudar os humanos que trabalhavam para o Pátio, os Outros permitiam que esses humanos partilhassem a colheita, caso contribuíssem com a sua parte do trabalho. Havia pelo menos um humano a verificar a horta todos os dias, a certificar-se de que as plantas tinham água suficiente — e sobretudo as fêmeas tinham olhos de Águia para avistar ervas daninhas.

Ele avistou um farrapo de pelo no extremo da horta, mas não chamou a atenção de Meg para isso. Algo fora morder os rebentos e acabara como jantar de alguém.

— Querias falar — disse Meg. — Tem que ver com as sanções? O *Lakeside News* publicou uma série de artigos sobre as restrições a que os humanos têm agora de obedecer.

— Uivos a mais por causa de problemas provocados por eles — rosnou Simon.

— As pessoas estão assustadas. Não sabem o que as sanções podem representar para as famílias delas.

— Só os seres humanos para quererem fazer uma barragem com um par de ramos. As sanções são muito simples. Quaisquer humanos que pertençam ao movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar estão proibidos de viajar por qualquer caminho no território selvagem. Isso inclui estradas e comboios.

— E os barcos?

Simon abanou a cabeça.

— Toda a água em Thaísia pertence aos *terra indigene*. Os barcos nos lagos e nos rios são apenas tolerados. Sempre assim foi. — E as Elementais

conhecidas como as Cinco Irmãs já haviam garantido que qualquer embarcação que atravessasse os Grandes Lagos sem seu consentimento não chegaria ao destino. Bem, o navio talvez, mas a tripulação não. Afinal de contas, afundar o barco serviria apenas para sujar o lago com combustível e destroços. O mais provável seria que o navio fosse deixado à deriva depois de a carga facilmente removível ter sido retirada. E a tripulação serviria de refeição aos *terra indigene* encarregues de retirar da água um incómodo humano.

— Então e a comida? — indagou Meg. — Os jornais e os noticiários na televisão dizem que não se pode transportar alimentos entre regiões.

— Ou estão a mentir para causar problemas ou estavam demasiado ocupados a gritar para escutar com atenção. — Para os Outros, o facto de não escutarem era um dos principais motivos para que os seres humanos, enquanto espécie, acabassem a precisar de lições mais severas: recusavam-se a compreender as mordidelas de alerta. — Olha, Meg, a compra e venda de alimentos e mercadorias entre o povo da Vida Simples, os Intuits e os *terra indigene* não vai sofrer alterações em nenhuma das colónias humanas controladas por nós. Quaisquer alimentos vindos de produções controladas por humanos têm de ser aprovados por inspetores Intuits e *terra indigene* antes de poderem ser transportados entre regiões. Estamos a fazer isso para que os humanos não voltem a mentir sobre faltas de alimentos, enquanto vendem essa comida a humanos de outras partes do mundo. — Inspirou fundo. — Mas não é sobre isso que temos de falar. Este Pátio, ou, melhor, um grupo restrito deste Pátio, foi encarregue de uma tarefa pelos Anciães, os nativos da terra que velam pelo território selvagem. E esse grupo restrito inclui-te a ti, pois foste tu que alteraste as coisas.

— Eu? — As pernas de Meg vacilaram. — O que foi que eu fiz?

Simon sorriu.

— És tu.

Meg Corbyn, Intermediária Humana do Pátio de Lakeside, era uma *cassandra sangue*, uma profetisa de sangue que tinha visões quando a pele era cortada. Chegara a cambalear à Ler e Uivar por Mais durante um nevão, à procura de trabalho, em fuga do homem que era seu dono e que a cortava para obter lucro. Vulnerável e inexperiente como uma cria, ela esforçara-se bastante para aprender a fazer o seu trabalho como Intermediária Humana e dedicara igual esforço a aprender a viver. Alguns dos humanos que trabalhavam no Pátio haviam-se juntado em torno dela, ajudando-a,

ensinando-a, até mesmo protegendo-a. E isso alterou a relação entre esses humanos e os Outros.

O sorriso de Simon desvaneceu-se.

— Quanto de humano vão os *terra indigene* manter? É isso que temos de perceber.

Meg parou.

— O que significa isso?

— Essa é a outra coisa que temos de perceber. — Puxou-lhe a mão para que voltasse a andar, mas Meg limitou-se a fitá-lo com os olhos cinzentos da cor do céu da manhã.

— Quanto de humano vão manter? E têm de decidir o quê? Se na forma humana os *terra indigene* mantêm dedos e polegares oponíveis? É que os polegares oponíveis são muito úteis. O Henry é escultor. Não vai querer passar sem isso. Nem tu.

Simon observou-a. Talvez o cérebro humano demorasse mesmo mais tempo a acordar do que o cérebro dos *terra indigene*. Quando ele acordava, estava acordado. Bocejava, espreguiçava-se e ficava pronto para brincar, caçar ou até lidar com o trabalho humano gerado pela Associação Comercial e pela Ler e Uivar por Mais, a livraria que geria a par de Vladimir Sanguinati. Mesmo sendo Meg uma espécie especial de ser humano, pelos vistos, o cérebro dela não dispunha de um botão de despertar rápido.

Mas dormia com ela na maioria das noites, pelo que sabia que, habitualmente, ela não era *assim* tão lenta. Portanto, talvez os pardais fossem despertar suficiente para o corpo, mas o cérebro *precisava* do despertador mecânico? Ou talvez fosse uma diferença entre machos e fêmeas humanos? Teria de perguntar a Karl Kowalski, que era companheiro de Ruthie Stuart, bem como um dos agentes da polícia destacados para o Pátio.

Retomou a marcha e puxou Meg durante meia dúzia de passos, até que ela se deslocou por iniciativa própria.

— Não tem a ver com o exterior. — Simon bateu no peito com os dedos de uma mão. Depois, como se tratava de Meg e estavam a aprender juntos muitas coisas relacionadas com os seres humanos, disse-lhe mais do que alguma vez poderia dizer a qualquer outro humano, contou-lhe sobre os seus medos. — Bem, de certa forma *tem* a ver com o exterior. Namid criou os nativos da terra para que fossem os predadores dominantes, e continuamos a sê-lo porque aprendemos com os outros predadores que existem no nosso mundo. Assumimos as formas deles para nos enquadrarmos e observamo-los, aprendemos como caçam e como vivem. Absorvemos

muito da natureza deles pelo simples facto de vivermos nessa forma. Mas não tudo. Antes de mais nada, somos nativos da terra. Mas como as formas animais se tornaram parte do que é transmitido às nossas crias, um Lobo *terra indigene* já não é o mesmo que um Urso, um Falcão ou um Corvo *terra indigene*. Essas formas já existem há muito tempo — e outras formas, como os Tubarões, existem ainda há mais tempo.

Caminharam em silêncio por alguns instantes.

— Tens medo de te tornar demasiado humano? — perguntou Meg.

— Sim.

— Pois isso não vai acontecer — asseverou ela com firmeza, apertando-lhe os dedos. — És um Lobo, e mesmo quando não és um lobo com aspeto de lobo, continuas a ser um Lobo. Tu próprio já o disseste. Não é por pareceres humano ou por teres uma loja que isso vai mudar.

Simon pensou no que ela estava a dizer *por baixo* do que estava a dizer.

Meg não queria que ele fosse mais humano. *Precisava* que continuasse a ser Lobo. Isso porque Meg confiava no Lobo de formas em que não confiava num macho humano. Sentiu uma leveza no íntimo que não estivera presente momentos antes. Sobretudo para os *terra indigene* que passavam tanto tempo junto de humanos, trabalhar num Pátio era perigoso, pois corriam o risco permanente de absorver demasiado da forma humana e deixarem de se enquadrar na sua própria espécie. Isso preocupava-o, e ainda mais nos últimos tempos, quando a exposição aos humanos se tornara pessoal. No entanto, Meg não permitiria que ele se tornasse *demasiado* humano, pois precisava que ele mantivesse a natureza e o coração de um Lobo.

Lançou um olhar de esguelha à fêmea de olhos cinzentos-claros, tez pálida e faces rosadas, e cabelo preto grosso tão curto que parecia penugem de cria. Baixa e magra, e a ganhar visivelmente músculos por baixo daquela pele frágil.

Quanto de humano seria demasiado humano para Meg?

Simon fez por ignorar essa questão. Já tinha problemas que lhe chegassem.

— Não precisas de ter medo do que podes absorver dos nossos amigos humanos — garantiu-lhe Meg, falando num tom baixo. — São boas pessoas.

— Como sabes?

— Já convivi com pessoas más. — Um lembrete sombrio do local onde ela fora criada e ensinada a fazer cortes em troca de pagamento.

Simon aquiesceu para mostrar que a ouvira.

— Devíamos pensar no que gostaríamos de manter, naquilo que nos prestaríamos a desenvolver se não houvesse humanos.

Meg fitou-o, e a voz tremeu-lhe quando perguntou: — Os humanos vão desaparecer?

— Talvez. — Ele não empregou o termo *extintos*, mas Meg tinha inteligência quanto bastasse para ouvir a palavra. Mas disse-lhe que o Pátio de Lakeside era o motivo por que os Anciães não haviam já tomado essa decisão quanto aos seres humanos que viviam no continente de Thaísia.

— Posso falar sobre isto com a Ruth, a Merri Lee e a Theral?

— Elas são humanas, Meg. Vão querer manter tudo.

— Há muitas coisas de que os humanos não precisam e que eu desconheço. Passei vinte e quatro anos como propriedade num complexo, a viver numa cela desde que tive idade suficiente para ficar sozinha, e não me lembro de como as raparigas viviam antes de iniciarem a formação. E tu sabes aquilo de que o Pátio precisa, mas de certeza que isso também não é tudo.

— Segundo os acordos estabelecidos com os seres humanos, um Pátio terá tudo o que os humanos dessa cidade têm, pelo que se o Pátio não tiver alguma coisa, os humanos não precisam dela. — Ambos sabiam que se tratava de uma verdade demasiado frágil, que se desmoronaria assim que posta à prova. — Além disso, se falares com a alcateia feminina, a Ruthie e a Merri Lee vão falar com os companheiros, que são da polícia.

— E que estão muito presentes e são úteis — contrapôs Meg.

Simon não tinha como argumentar. Karl Kowalski e Michael Debany esforçavam-se por compreender os *terra indigene* e eram machos afáveis, mesmo sendo humanos. E Lawrence MacDonald, outro polícia e primo de Theral, morrera recentemente quando um grupo de humanos e Outros visitaram um mercado em Lakeside, para que os Corvos tivessem oportunidade de comprar brilhantes e outros pequenos tesouros. Essa excursão terminara abruptamente quando o grupo fora atacado por elementos do movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar. Quase todos, salvo Vlad, haviam ficado feridos durante o confronto, e MacDonald e Crystal Crowgard haviam morrido.

— Também devias pedir a opinião do Steve Ferryman — adiantou Meg.

— Meg...

— Esses teus Anciães não disseram que *não podias* perguntar aos humanos, pois não?

Simon suspirou.

— Não, não disseram, mas temos de ter cuidado com o número de humanos que sabem disto. Os humanos que pertencem ao SHPL são nossos inimigos. Estão infiltrados em povoações por toda a Thaísia, e são o motivo por que os Anciães estão de olho em *todos* os humanos do continente, em vez de se limitarem a eliminar a maldade de uma povoação e reclamar a terra.

Claro que ele já contara a três seres humanos o que estava em jogo. Acreditava que se podia confiar no capitão Burke e no tenente Montgomery, mas não conhecera o terceiro homem presente na reunião em que dera conta das sanções. Greg O’Sullivan trabalhava para o governador da Região Nordeste, pelo que era possível que já houvesse inimigos dos *terra indigene* a tramar os problemas que poderiam vir a representar a gota de água.

A acontecer tal coisa, não seria a primeira vez que os seres humanos desapareciam de uma parte do mundo, e Simon duvidava que fosse a última.

E como essa possibilidade era uma avalanche à espera de os esmagar a todos, tornava-se imperativo perceber quanto de humano os *terra indigene* deveriam manter.

— Muito bem — declarou. — Fala com a alcaeteia das fêmeas. Mas elas que percebam que se trata de informação perigosa.

— Está bem. — De repente, Meg estacou e murmurou: — Coelhoinho.

Coelhinho? Simon ficou com água na boca. Não que tivesse grande hipótese de conseguir apanhar um coelho enquanto se mantivesse na forma humana. Olhou em redor. Sentia o cheiro do coelho, mas não o via. Depois notou que Meg fitava um alto castanho na erva, a alguma distância deles. Podia bem ser uma pedra ou um pedaço de raiz de árvore a espreitar do chão — mas isso não tinha orelhas.

Suspirou, desapontado. Aquele coelho não passaria de um aperitivo.

Meg recuou, puxando Simon com ela.

— Não é fofo? — murmurou, voltando a dirigir-se ao Complexo Verde.

— Não o vais achar assim tão fofo quando ele te comer os brócolos — alertou Simon.

— Ele não faria isso, pois não?

— Os brócolos são verdes, e ele é um coelho.

Meg bufou ao estugar o passo.

— Pois não deixa de ser fofo.

E provavelmente teria oportunidade de crescer, pois naquele momento não serviria de grande refeição a ninguém.

Simon não comentou isso, pois imaginava que Meg preferiria pensar no coelho como sendo fofo e não como apetitoso.

Capítulo 2

Dia do Sol, 5 de Junho

Meg olhou para quem se encontrava presente na sala de triagem da Estação do Intermediário Humano — Ruth Stuart, Merri Lee e Theral MacDonald — e elas olharam para ela de volta.

— Já sabiam disto. — Os muffins que Meg trouxera do Trincadela continuavam na mesa, intocados.

— Disto, não — disse Ruth. — Mas o Karl foi à casa do capitão Burke para uma reunião especial secreta — pelo menos foi a opinião com que eu fiquei, a partir daquilo que ele não podia dizer. E ele acha que o capitão Burke e o tenente Montgomery sabem mais sobre as sanções do que aquilo que foi tornado público. Se ficaram a saber disto...

— O Michael também foi chamado a essa reunião — adiantou Merri Lee. Respirou fundo e soltou lentamente o fôlego. — Meg, não podemos ser responsáveis por algo assim... tão *monumental*. Como poderemos decidir quanto de humano os *terra indigene* devem manter?

— Não me parece que sejamos nós a tomar a decisão — corrigiu Meg. — Vamos providenciar informações, talvez estabeleçamos prioridades, portanto... — Pressionou as mãos contra a mesa, tentando ignorar o formigueiro doloroso que começara nos braços e agora lhe percorria o tronco por baixo da pele.

As três jovens ficaram em sentido.

— Meg? — A voz de Merri Lee assumiu o tom da compreensão.

Meg tentou ignorar a dor, tentou não pensar na euforia que lhe surgia ao dizer uma profecia depois de fazer um corte que a fazia sentir-se *tão* bem. Fizera um corte na semana anterior; não queria fazer outro tão depressa. Não sabia se era verdade que uma *cassandra sangue* dispunha apenas de mil cortes antes daquele que a mataria, ou que a deixaria louca, mas se pretendesse viver outra década, ou mais, tinha de prolongar os espaços entre os golpes.

— Fala-me sobre esta manhã — pediu Merri Lee. — O que fizeste esta manhã? Meg!

Ruth e Theral correram para a sala traseira da estação e fecharam a porta — mas não por completo.

— Os pardais acordaram, e isso acordou o Simon, que me acordou porque queria ir dar um passeio. Cabeça de cocó.

Merri Lee soltou uma gargalhada fungada.

— Meg! Isso não se diz.

— Não o disse enquanto ele me pudesse ouvir. — E teria de ter cuidado de não o dizer perto dos lobachos, sobretudo de Sam, o sobrinho de Simon. Uma vez que ela aprendera a expressão com o rapaz humano Robert Denby, estava certa de que os machos jovens de qualquer espécie a assimilariam como sendo um insulto interessante — e acabariam por ser mordidos por um dos Lobos adultos, que *não* o considerariam assim tão interessante.

Sam já não vivia com Simon durante os dias da semana. Embora ela tivesse saudades do lobito quando este permanecia no Complexo dos Lobos, em vez de estar na porta ao lado, talvez fosse bom para Sam passar mais tempo a brincar com outros Lobos do que com crianças humanas.

— Vimos um coelhinho — continuou Meg. — Era tão fofo. O Simon disse que ele ia comer os brócolos.

— É bem possível. — Merri Lee fez uma pausa. — Como te sentes?

Meg esfregou um braço e depois o outro.

— Melhor. O formigueiro já quase passou.

Ruth e Theral regressaram à sala de separação.

— Não têm de fazer isto — lembrou Meg. — O Simon pediu a *minha* ajuda.

— É claro que vamos ajudar — asseverou Merri Lee. — Parece-me uma questão dupla: quanto, daquilo a que chamamos natureza humana, é que os Outros querem assumir, algo que nenhuma de nós pode dizer, e quanto, daquilo que os humanos usam, os Outros querem manter, ou precisam de manter, para quem vive em Tháisia?

— Se estamos a falar de produtos, devíamos começar pelo pessoal e expandir a partir daí — sugeriu Ruth. — Fazer listas das coisas que temos e dos consumíveis que usamos. E das coisas que gostaríamos de manter, como canalização interior e modos de aquecimento doméstico para o inverno.

— Podíamos arrancar a secção de empresas de uma lista telefónica — aventou Theral. — Se não houvesse quem precisasse de determinado produto ou serviço, as empresas não existiam.

— O povo da Vida Simples não usa muitas das coisas que os outros humanos usam. — Meg começou a coçar o braço direito, mas obrigou-se a parar.

— Talvez seja útil descobrir aquilo que realmente usam — disse Merri Lee.

— Amanhã podemos comparar listas, e aquilo que estiver em *todas* as listas entra para uma lista «Quero Mesmo Ficar com Isto» — concluiu Ruth.

— Quão específicas temos de ser? — perguntou Theral.

Meg fechou os olhos e imaginou uma folha de papel com a palavra «Ferramentas». Depois visualizou outra folha com uma lista de ferramentas: martelo, chave de fendas, serrote, alicate.

Abriu os olhos, certa de que obtivera a resposta correta.

— Categorias gerais. Não sei quanto tempo o Simon terá para avançar sugestões antes que cheguem a uma decisão, por isso é melhor começarmos com categorias gerais. Ferramentas, em vez de ferramentas específicas. Livros, em vez de autores específicos.

— Vamos passar o dia a trabalhar no outro lado da rua — informou Ruth. — A senhora Tremaine mudou-se no Dia do Fogo passado, por isso a Eve Denby quer dar uma limpeza geral à casa toda. Disse que podemos começar por pintar o apartamento do primeiro andar, pois o Karl está a partilhar o quarto com o Michael, e eu estou a dormir no chão do apartamento de serviço da Merri Lee.

Meg quase perguntou o motivo por que Karl e Ruth não estavam com as famílias, mas lembrou-se a tempo de que ambas as famílias estavam de relações cortadas com eles por serem amantes de Lobo — o epíteto ofensivo atribuído aos seres humanos que queriam trabalhar em colaboração com os *terra indigene*.

— Não vamos contar nada à Eve — indicou Ruth. — Pelo menos até nos dizerem que podemos falar com ela.

— Ficas bem? — Merri Lee chegou-se para o lado e espreitou pela porta Privada que dava acesso ao balcão na sala de entrada. Depois murmurou: — A porta da rua abriu-se, mas não vi...

Um Lobo *terra indigene* ergueu-se sobre as patas traseiras e assentou as dianteiras no balcão.

— *Arroo?*

— Bom-dia, Nathan — cumprimentaram as mulheres em coro.

O Lobo de guarda chegara. Estava na altura de trabalhar.

Depois de confirmarem que estariam com Meg ao serão na aula de Mente Tranquila, a alcateia de fêmeas embrulhou os muffins em papel de cozinha e saiu pela porta das traseiras da estação.

Meg acercou-se do balcão. Nathan era um dos agentes de segurança do Pátio e, como tal, um dos maiores Lobos da alcateia de Lakeside. Estivera com Simon quando o grupo fora atacado no mercado, e alguns dos ferimentos mais profundos no focinho continuavam com crostas.

— Encontrámo-nos para conversar antes do trabalho — disse Meg.

Nathan fitou-a.

— Sobre coisas que não te dizem respeito.

Continuou a fitá-la.

— Coisas de *raparigas*.

Nathan afastou-se da bancada e dirigiu-se à cama de Lobo junto à montra frontal.

Meg voltou à sala de triagem para comer o seu muffin.

Se usado em excesso, perderia o efeito, mas quando se dizia a um Lobo macho que um qualquer assunto era «coisa de raparigas», ele fugiria na direção oposta. Para eles, as coisas de raparigas eram como porcos-espinhos — quem se metia com elas acabava com o nariz ferido.

Meg imaginava que disporia de algum tempo antes que Nathan voltasse a tentar descobrir o que se passava, pelo que pegou num bloco pautado e numa caneta.

Quanto de humano queriam os *terra indigene* manter?

É claro que as listas seriam úteis, mas Meg interrogava-se se Merri Lee estaria certa, com a questão a prender-se mais com a mente e com o coração. A ser esse o caso, esperava que as listas ajudassem os Anciães a perceber a verdadeira resposta à questão.

O tenente Crispin James Montgomery pagou ao taxista e depois virou-se para observar o duplex do capitão Douglas Burke. Não havia nada que o distinguisse dos vizinhos, com jardins bem arrançados e outros sinais de que quem ali vivia era miudinho com a casa — um elogio, quando proferido pela mãe, Twyla Montgomery.

Nunca estivera na casa do capitão nos seis meses desde que se mudara para Lakeside. O pouco que sabia acerca de Burke fora da esquadra levava-o a pensar que o capitão não recebia muito — e quando recebia, era sempre em locais públicos. Aquele também não se tratava de um encontro social, pois a reunião antes dos respetivos turnos na esquadra de Chestnut

tinha como objetivo a discussão de assuntos que Burke queria manter fora da esquadra.

Quando chegou à porta da rua e tocou à campainha, um carro entrou no acesso. Os agentes Karl Kowalski e Michael Debany, dois elementos da sua equipa, saíram do veículo e juntaram-se a ele no momento em que a porta se abriu.

— Tentente — disse Kowalski à laia de cumprimento, acenando com a cabeça a Monty antes de encarar o homem que enchia a entrada. — Capitão.

Douglas Burke era um homem grande, uma figura imponente de olhos azuis que, regra geral, ostentava uma afabilidade dura. Tinha a roupa sempre bem engomada, e o cabelo escuro abaixo da calva encontrava-se quase sempre bem cuidado e aparado. Como nunca o vira fora de situações profissionais, Monty não conseguia imaginar o seu capitão com algo que não fosse um fato; era incapaz de o visualizar com calças de ganga e uma camisola puída a aparar a relva ou a mondar os canteiros de flores. Com efeito, a falta de casaco do fato e as mangas arregaçadas eram o mais próximo de um aspeto casual que Monty já vira.

— Entrem, cavalheiros. — Burke chegou-se para o lado, permitindo-lhes o acesso. — Estamos na sala de jantar. Sirvam-se de café e de folhados.

Monty relanceou a sala de estar enquanto seguia Burke. Tinha um ar masculino, confortável e minimalista. Não se admiraria se a escassa mobília fosse de qualidade elevada, talvez mesmo antiguidades.

Não era um espaço agradável para crianças.

Não seria algo estranho para ele pensar, pois Lizzy, a filha de sete anos de Monty, chegara no mês anterior a Lakeside e estava agora a viver com ele. Todos os segredos trazidos com Lizzy para Toland haviam sido revelados, e agora estava a salvo de quem lhe matara a mãe. Claro que isso o obrigava a ter de descobrir como ser pai sozinho e polícia. Por enquanto, Eve Denby, a nova gestora imobiliária do Pátio de Lakeside, tomava conta de Lizzy, a par dos dois filhos.

Monty entrou na sala de jantar e hesitou ao ver Louis Gresh e Pete Denby sentados à mesa, a servirem-se de folhados e morangos. Não ficou surpreendido com o facto de se terem tornado parte do círculo de confiança de Burke.

A verdadeira surpresa era o outro homem sentado à mesa.

Ouviu-se um autoclismo, água a correr, e outro homem juntou-se a eles. Mais baixo, mais magro e mais jovem do que Burke, o indivíduo tinha

uma cabeleira completa castanha e encaracolada — mas o ar afável e duro nos olhos azuis era semelhante a ponto de se poder pensar em *família*.

— Cavalheiros, este é o Shamus David Burke, um familiar meu de visita de Britânia. Pertence às agências de segurança de lá, pelo que imaginei que os seus conhecimentos nos poderiam ser úteis. Shady, este é o tenente Crispin James Montgomery e os seus agentes, Karl Kowalski e Michael Debany. Tratam do grosso da interação com o Pátio de Lakeside. O homem que está a analisar os bolos é o comandante Louis Gresh, encarregue do esquadrão de minas e armadilhas. Os folhados são frescos, comandante. Não se preocupe.

— O facto de não procurar surpresas desagradáveis na comida prova que nunca teve filhos — replicou Louis. Deu uma dentada no folhado e mastigou com cuidado.

— O outro homem a debicar a comida é o Pete Denby, um advogado que se mudou recentemente da Região do Midwest.

— Que também tem filhos — comentou Pete com um sorriso.

— E o único indivíduo que não está associado à segurança é o doutor Dominic Lorenzo, atualmente a trabalhar na força de intervenção do governador para ajudar com as *cassandra sangue* nesta parte da Região Nordeste. — Burke esperou que todos se sentassem. Depois cruzou as mãos e assentou-as na mesa da sala de jantar. — O tenente Montgomery já sabe o que está em jogo. Antes de prosseguirmos, quero que percebam que não podem partilhar estas informações com ninguém, seja por que motivo for. Nem com amigos, nem com família, nem com colegas. Se não estiverem de acordo com isso, podem sair, pois...

— Pois toda a gente em Lakeside ficará em risco — atalhou Lorenzo, parecendo irritado. — A melodia é a mesma, só muda a letra.

— Na verdade, todos os seres humanos no continente thaisiano vão ficar em risco — corrigiu Burke, a voz calma a estabelecer um contraste profundo com a dureza nos olhos.

Fez-se silêncio. Depois, imitando o tom suave de Burke, Shady indagou: — Estamos a falar de extinção, Douglas?

Burke assentiu.

Lorenzo engoliu em seco. Pete afastou o prato com os folhados.

Louis soltou um fôlego entrecortado.

— Deuses em cima e em baixo, isso é que é uma bomba. Quais as probabilidades de virmos a perder o controlo da situação?

— Cerca de cinquenta por cento — respondeu Burke. — Talvez menos.

Monty olhou para os seus agentes.

— Isto, para vocês, não é propriamente uma surpresa.

— Nem por isso — admitiu Kowalski. — Reparámos que...

Burke levantou a mão.

— Antes de continuarmos, vamos esclarecer quem fica. — Olhou para Lorenzo.

Lorenzo pensou por um instante, após o que empurrou a cadeira e se levantou. — Já tenho segredos que cheguem. Têm de manter o que sabem num círculo restrito, e quando alguém me faz perguntas sobre o Pátio de Lakeside ou sobre profetisas de sangue, já não sei se é por curiosidade, por necessidade profissional ou se são elementos do movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar a tentar arrancar-me informações que possam ser usadas contra os Outros. Quando tenho de me deslocar por causa da força de intervenção, viajo sozinho. Seria fácil intercetarem-me... e interrogarem-me.

Monty esperava que alguém fizesse uma piada, que houvesse quem comentasse que com a conversa dos interrogatórios, Lorenzo estava a desenvolver uma trama digna de um thriller. Mas ninguém fez piadas — sobretudo porque Pete Denby fora atirado para fora da estrada, presumivelmente por elementos do SHPL, quando, depois de ajudar Burke a encontrar informações sobre um homem chamado o Controlador, pegara na família e fugira para Lakeside.

— Entendido. — Burke hesitou. — Peça ao Simon Wolfgard um livre-trânsito para os territórios selvagens. Julgo que ele vai perceber de que se trata. As estradas nos mapas são os caminhos que os seres humanos podem usar. Mas há estradas não assinaladas que levam a sítios onde os humanos não devem estar. Se achar que está a ser seguido, entre por uma dessas estradas anónimas, baixe um vidro e comece a gritar, buzine, faça o que puder para chamar a atenção dos *terra indigene* antes que outros humanos o alcancem. Nessas circunstâncias terá mais probabilidades de sobreviver a um encontro com os Outros do que com humanos.

Lorenzo assentiu.

— Boa sorte. — Fez menção de sair da sala, mas deteve-se. — Se por acaso algum de vocês precisar de cuidados médicos discretos, podem contar comigo para não fazer perguntas.

— Agradecido — disse Burke.

Esperaram que Lorenzo fechasse a porta da rua. Aguardaram mais um pouco, escutando o carro a ser ligado no acesso ligado à outra metade do duplex.

— Mais alguém? — perguntou Burke. Todos abanaram a cabeça. — Então comecemos localmente e alarguemo-nos para o mundo tal como o conhecemos. Tenente? Algo a relatar?

Monty serviu-se de café que não queria para ganhar mais um pouco de tempo.

— O Pátio apoderou-se da casa bifamiliar na Avenida Crowfield. O negócio já foi concluído, o proprietário anterior foi pago e os Denby vão mudar-se em breve. O Karl e a Ruthie também.

Pete aquiesceu.

— Ontem, o dono dos prédios de apartamentos dos lados da moradia aceitou a oferta do Pátio por essas construções. Uma vez que a Associação Comercial tenciona pagar em numerário pelos prédios, espero poder acelerar o processo e assumir a posse até finais do mês. Os apartamentos nesses prédios têm dois quartos, tenente. Agora que a Lizzy veio para ficar, talvez seja uma opção a ter em conta.

Monty já pensara se deveria aceitar um dos apartamentos, caso Simon Wolfgard lho oferecesse. Havia bastos motivos práticos para aceitar — e muitas razões para manter alguma distância dos Outros. Para começar, não haveria grande distância entre a vida profissional e a vida pessoal caso vivesse à frente do Pátio e tivesse Kowalski e Denby — e provavelmente também Debany — como vizinhos do lado.

Mas seriam bons vizinhos, pensou. E ter polícias a viver tão perto do Pátio talvez servisse de dissuasor de problemas. Mas ninguém falou sobre as escolas que os nossos filhos vão frequentar no próximo ano — partindo do princípio de que estarão seguros numa escola gerida pela edilidade, ou até num colégio humano privado. Afinal de contas, quem viver num prédio dos Outros será considerado amante de Lobos, e o preconceito contra quem apoia os terra indigene, seja em que aspeto for, está a aumentar a olhos vistos.

Ele e Lizzy precisavam de outro sítio onde viver, e ele teria de pesar cuidadosamente os prós e os contras antes de tomar uma decisão. Mas isso teria de esperar.

— A seguir? — perguntou Burke.

— Os primeiros convidados do Pátio chegam na próxima semana — informou Kowalski. — Alguns Lobos das alcateias das montanhas Adirondack. Ninguém referiu outras espécies de *terra indigene* que estivessem para chegar ao mesmo tempo. O Michael e eu ficámos com a impressão de que esperam que nos mostremos nas lojas e na Praça do Mercado, pelo menos durante parte de cada dia.

— Eles vêm interagir com seres humanos — explicou Monty. — Faz sentido que o Wolfgard vos queira por perto.

— Isso funciona por convite, ou assim? — perguntou Shady. — Nunca vi um Pátio, nem tive interações casuais com um *terra indigene*. Gostava de aproveitar a oportunidade. O contacto que tive com alguns dos Outros quando algumas *cassandra sangue* se... canalizaram... para Britânia revelou-se tenso para os humanos que estavam a ajudar com o salvamento. Salvo quem vive junto à fronteira ou na costa, a maior parte dos habitantes de Britânia nunca entrou em contacto com os Outros. Tendo em conta o que nos últimos tempos se tem andado a passar no mundo, não me importava de ter alguma experiência em primeira mão em situações menos arriscadas.

Monty cruzou o olhar com o de Burke e disse: — Vou perguntar ao Simon Wolfgard se nos permite levar convidados.

— Alguma coisa relevante em relação aos habitantes da Ilha Grande, ou informações sobre a Comunidade da Estrada do Rio? — perguntou Burke.

— Não, capitão — respondeu Monty. Shady seria o único presente à mesa que não se aperceberia da omissão de Talulah Falls, uma povoação que já não se encontrava sob o controlo humano desde que uma bomba matara vários Corvos e um Sanguinati fora morto ao caçar os humanos responsáveis pela explosão.

— Então, como o Shady já fez a grande revelação, passemos ao tema central — disse Burke calmamente.

— Extinção. — Pete ostentava um aspeto carregado. — Os Outros estão a sério quanto a isso?

— Em virtude dos problemas recentes, os nativos da terra dos territórios selvagens estão a ponderar a extinção como forma de livrar Thaísia de uma ameaça à terra e aos restantes seres que já cá se encontravam antes de os nossos antepassados terem chegado ao continente.

— Mas nós tentámos ajudar — protestou Louis. — O Monty e a equipa dele arriscam-se todos os dias para interagir com os Outros do Pátio. Pelo amor dos deuses, um dos nossos foi morto durante o ataque ao mercado. Será que isso não conta para nada?

— Conta — afirmou Monty. — O tempo que passamos no Pátio, a ajuda que prestamos... É por isso que os seres humanos em Thaísia não vão ser eliminados do continente.

— Pelo menos por enquanto — acrescentou Burke. — Um Pátio e meia dúzia de polícias e civis para tentar contrabalançar a estupidez que o

movimento SHPL está a planear a seguir. E vamos esclarecer quem será eliminado, tal como disse o tenente. Julgo que as aldeias intuits serão poupadas. O mesmo em relação aos agricultores e aos artesãos da Vida Simples. Eles afastam-se o máximo possível dos seres humanos que vivem nas vilas e cidades controladas por humanos, e têm cuidado ao lidar com os *terra indigene*. E acho que os Outros vão continuar a precisar de *alguns* humanos — pelo menos para garantir mão de obra para os produtos que queiram ter.

— Restam todos os outros — disse Pete.

— Restam todos os outros — concordou Burke.

— Perdoem-me a sinceridade, mas vocês estão bem tramados — comentou Shady. Serviu um pouco de natas para a caneca, que depois encheu com café da cafeteira assente numa base grossa de tecido. — É melhor comecem a tratar de suprimentos enquanto podem, e pensem em como sobreviver.

— É definitivo? — indagou Burke. — A Aliança de Nações Cel-Romano vai entrar em guerra?

— Sim. Mas não interna, algo que, sinceramente, era o que o povo de Britânia esperava que fosse acontecer. Há já algum tempo que vêm a acumular alimentos e armas, mas agora os sinais tornaram-se visíveis, com tropas a serem transportadas pelo Mediterrâneo. Não dispõem de território suficiente para produzir o alimento de que precisam para sustentar a população. A verdade é essa. Assim sendo, a questão que nos tem atormentado é a seguinte: será que Cel-Romano vai tentar arrebatar a zona humana de Britânia por sermos o território humano mais próximo, ou será que vão tentar anexar parte do território selvagem, apostando no tipo de armamento que vai possibilitar a eliminação dos metamorfos que neste momento habitam esses países?

— Os metamorfos não serão os únicos nativos da terra a viver nesse território — lembrou Monty.

Shady concordou.

— Eu sei. A maior parte dos habitantes de Britânia pode não lidar com eles, mas aprendemos a história da nossa nação, pelo que sabemos porque são tão poucos os humanos que ultrapassam a muralha de pedra que percorre a largura da ilha e separa o território que o mundo nos concedeu da Britânia Selvagem. Tal como sabemos que as narrativas que os comerciantes que se aventuram além da muralha e vivem para o contar não são invenções.

— Se Cel-Romano está a pensar avançar com uma invasão territorial,

para quê provocar problemas deste lado do Atlântico? — questionou Kowalski. — Cel-Romano não pode atravessar o oceano com um exército.

— Pois não — confirmou Shady. — Até o mais pequeno dos barcos de pesca é acompanhado com toda a atenção. Nunca se permitiria que vasos de guerra chegassem a terra.

— Contrabandearam-se alimentos para fora de Thaísia — recordou Burke. — Poder-se-iam introduzir tropas às escondidas. Com um bom incentivo monetário, os capitães de navios tentarão passar às escondidas por quem esteja a vigiar.

— Nada disso tem que ver com a ameaça de extinção — frisou Monty.

— Não há nada que possamos fazer quanto a isso, tenente — disse Burke calmamente. — Limitamo-nos a manter abertos os canais de comunicação. Garantimos assistência sempre que possível. E esperamos continuar a contrabalançar a estupidez instigada pelos outros humanos. — Olhou para os restantes homens. — Mais alguma coisa?

Michael Debany mexeu-se na cadeira.

— Capitão, disse que a informação não deveria sair desta sala. Isso implica não contar nada às raparigas? É que... — olhou para Kowalski — ...elas iam encontrar-se com a Meg esta manhã, pelo que talvez já saibam disto.

— Não me parece que o Lobo fosse contar à menina Corbyn da decisão dos nativos da terra — disse Monty. — Mas pode ter partilhado algo com ela que não nos tivesse contado.

— Necessidade de conhecimento — disse Burke. — Por enquanto, as mulheres estão excluídas. O Pátio vai receber visitas na próxima semana, e as raparigas não precisam de pôr em dúvida cada gesto ou cada palavra, com receio de que seja essa a gota de água.

— Portanto, seguimos com a vida normal — rematou Louis.

— Sim. — Burke afastou a cadeira da mesa. — Se não há mais nada...

A conclusão do encontro.

Monty aproveitou a boleia de Louis até à esquadra, o que permitiu a Kowalski e a Debany falarem entre eles a caminho do Pátio, onde Debany iria ajudar Eve Denby e as jovens antes de se apresentar ao trabalho.

— Falaste com o agente Debany quanto à possibilidade de um novo parceiro? — perguntou Louis.

— Ainda não — respondeu Monty. — Mesmo com o subsídio de risco que se recebe por se estar nesta equipa, ainda ninguém apresentou um pedido para ser o quarto elemento.

— Bem, as responsabilidades vão além de lidar com humanos que procuram criar problemas, não é verdade? Qualquer elemento da tua equipa tem de interagir e passar tempo livre no Pátio. Até os agentes que não hesitam em ficar do teu lado vão pensar duas vezes.

— Em serem marcados como amantes de Lobos.

— Não é só o agente que fica marcado — retorquiu Louis calmamente. — E não são só as pessoas que lidam diariamente com os Outros. No outro dia, a minha mulher foi às compras com uma vizinha... uma mulher de quem é amiga há anos. Juntaram-se para poupar combustível. Estacionaram no parque geral das lojas. Dois talhos, separados por dois quarteirões. Um exibia uma placa do SHPL na montra; o outro estabelecimento não apoia o movimento. A amiga da minha mulher foi à loja com a placa do SHPL — um sítio onde temos de mostrar o cartão de membro do SHPL para sermos atendidos. A minha mulher foi à outra loja, pois concordámos que nunca faríamos parte do SHPL, fosse em que qualidade fosse.

— O que aconteceu? — quis saber Monty.

— A amiga não disse nada, mas quando a minha mulher acabou as compras e voltou ao estacionamento, o carro tinha desaparecido. A mulher, amiga e vizinha, deixou-a lá ficar e não voltou a falar com ela. Louvados sejam os deuses, elas costumavam tomar conta dos filhos uma da outra, saíam sozinhas de vez em quando; iam jantar e ao cinema, ver um filme que não interessasse aos maridos e aos filhos. E agora...

— Agora, as posições começam a definir-se.

— Sim. Só espero que, quando chegar a altura de defender a nossa posição, haja gente suficiente deste lado.

Monty olhou pela janela, sem responder.